



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

VIVER A ADOLESCÊNCIA NO MASCULINO:
O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

Sara Magalhães
Luísa Savedra
Conceição Nogueira
Universidade do Minho

RESUMO

A literatura feminista sobre a sexualidade tem chamado a atenção para a importância do género na vivência da sexualidade e relações amorosas evidenciando que, apesar de uma aparente igualdade entre os sexos, estas continuam a ser marcadas por assimetrias de poder nas práticas sexuais, pela manutenção de discursos reguladores e desigualdades de género.

Nesta comunicação são analisados discursos sobre a construção da sexualidade masculina, resultantes de uma amostra de 41 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e 25 anos provenientes da zona do Grande Porto. Estes materiais discursivos foram produzidos no âmbito de um programa de educação sexual a partir de uma actividade de reflexão acerca da sexualidade e relações amorosas de indivíduos do sexo masculino.

Recorrendo à Análise de Discurso foi possível identificar discursos que reforçam os estereótipos masculinos do “sexo pelo sexo”, da necessidade de experiência sexual e da permissividade face à traição amorosa, a par de discursos que salientam o medo de ser mal avaliado pelas raparigas nas situações mais íntimas. Paralelamente, identificaram-se discursos que apontam para uma possível mudança destes estereótipos a caminho de uma maior expressão dos sentimentos e de maior compromisso amoroso que levantam algumas questões sobre o seu real significado. A prática do sexo seguro parece ser um discurso um pouco “esquecido” pelos participantes neste estudo indicando que os programas de educação sexual e para a saúde precisam ser reequacionados de forma a atingirem os objectivos de prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: Adolescência, masculinidade, sexualidade, discursos.



VIVER A ADOLESCÊNCIA NO MASCULINO: O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

ABSTRACT

Feminist literature about sexuality has paid attention to the importance of gender in experiencing sexuality and loving relationships, showing that although there is an apparent equality between sexes, these relationships are still marked by power asymmetries in sexual practices resulting from the maintenance of regulating discourses and by gender inequalities.

This presentation will analyse discourses on the construction of male sexuality resulting from a sample of 41 boys, aged between 15 and 25 years old from Porto area. These discursive materials were obtained during a sexual education program in an activity of reflexion about sexuality and loving relationships in male individuals.

Using Discourse Analysis it was possible to identify discourses that reinforce male stereotypes of "sex for sex", the need of sexual experience and permissiveness in love betrayal, as well as discourses that highlight the fear of being poorly rated by girls in intimacy. At the same time, it was possible to identify discourses that point to a possible change of these stereotypes, in a way of greater feelings' expression and loving compromises, which raise some questions about its real meaning. Safe sex practices seems to be a discourse a little bit "forgotten" by the participants of this study indicating that sexual and health education programs need to be reorganized in order to achieve their pregnancy and sexually transmitted diseases prevention goals.

Key-words: Adolescence, masculinity, sexuality, discourses.

INTRODUÇÃO

Quando cerca de um quinto da população mundial é adolescente (Prazeres, 2003), urge conhecer-se melhor esta população e o modo como se prepara para a vida adulta. Se por um lado se tem explorado a dominação de que as raparigas são alvo e a forma como estas desenvolvem a sua sexualidade, a investigação relativa à construção da masculinidade e do que é ser rapaz tem sido escassa (Saavedra, 2004). Apenas recentemente os estudos começam a dar relevância a esta temática, debruçando-se sobre a sua heterogeneidade e a sua postura face à sua posição de dominância (Saavedra, 2004; 2005). Do mesmo modo a reputação das raparigas é facilmente arruinada, é esperado que os rapazes estejam continuamente a provar a sua virilidade junto do grupo de pares, através da expressão da sua sexualidade (Kehily, 2002), segundo padrões tradicionais de masculinidade (Prazeres, 2003).

O conceito de género tem assim vindo a definir papéis e responsabilidades dos indivíduos enquanto actores sociais no âmbito dos seus vários grupos; determina ainda experiências de vida e expectativas pessoais, ao mesmo tempo que condiciona oportunidades e relações interpessoais (Amâncio, 1994; Nogueira, 2001; Prazeres, 2003; Saavedra, 2005; Willig, 1998). Em suma, não basta observar-se as diferenças sociais entre masculino e feminino, mas uma hierarquia de poder instituída, dos homens sobre as mulheres.

Neste contexto em que o poder é critério importante, é relevante que se desenvolvam iniciativas de desconstrução da heterossexualidade dominante. Neste campo, os grupos de pares parecem assumir um papel bastante importante, tanto na aquisição de conhecimentos sobre sexualidade, como na imposição de comportamentos genderizados e na supervisão de comportamentos sexuais e da sexualidade dos colegas (Kehily, 2002). O adoptar de posições subjectivas disponíveis nestes discursos de (hetero)sexualidade dominante implica serem vistos como assertivos sexualmente, não emotivos ou



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

emocionais, possuem grande desejo sexual e um corpo que lhes garanta satisfação desse mesmo desejo (Allen, 2003). Neste contexto, não só a heterossexualidade é normativa (e normalizada) como a homofobia é persuasiva, na medida em que perante os pares é essencial à formação de uma identidade sexual masculina destacando-se completamente de identidades femininas e homossexuais (Allen, 2003; Herek, 1986).

É ainda incutido aos jovens rapazes que a demonstração da tão importante virilidade passa sobretudo pela iniciação e manutenção de actividade sexual, verificando-se assim uma precocidade no início destas relações (Alferes, 1997; Lopes, 2004; Matos & Gaspar, 2005; Marques, 2007; Prazeres, 2003; Taquette, Vilhena & Paula, 2004; Vasconcelos, 1998). Um estudo comparativo de vários países da Europa referia que 30,2% dos rapazes portugueses se afirmavam como sexualmente activos aos 15 anos de idade (Avery & Lazdane, 2007). Digamos que cada vez mais a iniciação sexual masculina faz parte de um ritual social, mais do que ser uma oportunidade de partilha de intimidade e afecto. Neste sentido é comum, nos rapazes, a glorificação e mesmo uma sobrevalorização pessoal no grupo de pares no que diz respeito à experiência sexual; enquanto que a inexperiência, as dúvidas e medos são escondidos (Prazeres, 2003) pois estão associados a uma fraqueza pessoal. Contudo, são estes mesmos comportamentos dos rapazes que os colocam em maior risco, sobretudo porque grande parte destes representam ameaças directas à sua saúde a curto e a longo prazo (Prazeres, 2003). “A sujeição a tradicionais ‘códigos de conduta’ masculina determina, em grau variável mas sempre presentes, riscos para a saúde acrescidos” (idem, p.14).

No que diz respeito ao VIH/SIDA e aos comportamentos de risco os rapazes consideram que as raparigas são, na generalidade, vítimas inocentes no contágio. Baseados no duplo padrão sexual, ambos os sexos assumem a ocorrência de comportamento de promiscuidade para os rapazes e de monogamia para as raparigas (Willig, 1998; Crawford & Popp, 2003; Impett & Peplau, 2003). Esta construção social limita as raparigas na responsabilidade que os rapazes lhe atribuem de adopção activa de comportamentos preventivos face ao VIH. Uma rapariga tomar a iniciativa de utilizar preservativo é colocar em causa a confiança que colocam no seu parceiro e a possibilidade de um relacionamento mais estável (Saavedra et al., 2007). Do mesmo modo, também para os rapazes a utilização do preservativo se afigura problemática, na medida em que adoptar comportamentos preventivos significa dar menos importância ao seu próprio prazer e questionar a “invulnerabilidade” masculina (Prazeres, 2003). Assim não é de estranhar continuarmos a assistir às elevadas taxas de infecções por VIH/SIDA que se verificam em maior incidência na adolescência. De entre os “portadores assintomáticos”, o maior número (75,8%) de casos notificados pertence ao grupo etário entre os 15 anos e os 39 anos (CVEDT, 2007), sendo que é também nesta faixa etária que as taxas de mortalidade por SIDA, em Portugal, são mais elevadas: entre os 20-24 e os 25-44 anos, existem 5.9 e 23.4 infectados, respectivamente por cada 100 000 indivíduos (idem). É de salientar que para que a doença se encontre em fase terminal a infecção ocorreu anos antes, muitos dos quais em total desconhecimento para os seus portadores (Vieira, 2005).

Como refere Durham (1998), durante a adolescência as identidades de género e as atitudes sexuais encontram-se mais presentes, sendo marcadas e expostas pela cultura popular. Esta, em que se destacam os *media*, é uma importante fonte de informação sobre sexualidade para os adolescentes, sobretudo nas revistas para raparigas adolescentes (Kehily, 2002). Os scripts sexuais veiculados por estas publicações tornam-se assim na adolescência guiões indispensáveis para a aprendizagem de condutas futuras e de avaliação para comportamentos passados. Será por isso importante reconhecer que os papéis sociais e as correspondentes identidades psicológicas não emergem naturalmente. Pelo contrário, estas são definidas por um conjunto de variáveis como a raça, classe, género, e orientação



VIVER A ADOLESCÊNCIA NO MASCULINO: O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

sexual, as quais são produto da interacção social humana (Herek, 1986), e por isso dependem de uma intervenção educativa.

Assim, cabe à educação sexual desafiar estas construções de modo a permitir atingir os seus principais objectivos: reduzir o VIH e a gravidez adolescente (GTES, 2007). Trata-se de um espaço privilegiado para a formulação de alterações concretas que dêem lugar ao diálogo e negociação de práticas de sexo seguro (Willig, 1998). Contudo, os rapazes tendem a achar que não necessitam de educação sexual no sentido em que esta se centra nas questões de reprodução e contracepção, temas que entendem ser da responsabilidade das raparigas.

PROCEDIMENTOS DE RECOLHA

Os dados que de seguida analisamos foram recolhidos no âmbito da implementação de um programa de educação sexual com jovens provenientes da zona do Grande Porto, Portugal. Esta implementação ocorreu com 10 grupos de jovens de ambos os sexos, num total de 104 alunos (dos quais 41 eram rapazes). Os jovens possuíam idades entre os 15 e os 25 anos, encontrando-se a frequentar o último ano do ensino básico ou o ensino secundário. Neste estudo analisaremos apenas a exploração efectuada pelos rapazes da actividade inicial do programa. Esta possuía como objectivos compreender os significados atribuídos à sexualidade/relações amorosas e a reflexão/desconstrução dos mesmos. Para tal foi pedido aos jovens que se reunissem em pequenos grupos e que se pronunciassem sobre as percepções acerca da sexualidade/relações amorosas vividas por indivíduos do sexo masculino. Para enriquecer a recolha foi pedido que se registassem todas as ideias debatidas mesmo que não fossem unânimes, sendo que foi a partir deste registo que se efectuou a análise.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Cada vez mais é preciso que a investigação em psicologia seja próxima das pessoas e se realize em cenários reais e próximos aos seus participantes. É neste sentido que consideramos ser mais relevante a adopção de uma postura qualitativa de análise, pelo que recorremos à análise de discurso para o que consideramos ser uma análise preliminar dos produtos dos alunos. Neste sentido, serão sistematizadas as construções discursivas mais salientes. Esta adopção metodológica reflecte não só uma postura epistemológica definida, mas também a crescente consciência do impacto da linguagem, estruturada num espaço socio-histórico e representativa de um conjunto de significados (Nogueira, 2001), na mudança social. A análise do discurso assume-se como uma metodologia orientada para a identificação e estudo de um conjunto de práticas linguísticas, ou discursos, e da forma como estas práticas actuam, mantêm e promovem as relações sociais. Pretende-se, assim, fazer emergir o poder da linguagem como prática social reguladora (Rueda & Antaki, 1994). Neste sentido, é frequente a ocorrência de contradições nos discursos, resultando de resistências e controvérsias face às acções do(s) discurso(s). Sobretudo porque os efeitos podem ser independentes da percepção mental da mensagem da parte da audiência, e mesmo da intenção inicial do comunicador (Nogueira & Fidalgo, 1995).



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das frases elaboradas pelos vários subgrupos de rapazes permitiu a identificação essencialmente de três principais construções discursivas: a da masculinidade dominante, com referências mais específicas ao prazer físico, à experiência, ao medo de fracassar e à traição; uma de aproximação comportamental ao sexo feminino; e uma última com referências a comportamentos de risco e sexo seguro. Para melhor ilustrar as temáticas encontradas serão apresentados fragmentos ou frases integrais do material recolhido.

A construção discursiva que mais facilmente emergiu do material, até por ser a mais e melhor representada nos excertos, corresponde à verbalização e exposição consciente da imposição social da masculinidade dominante. Esta apresenta e fundamenta a sexualidade masculina como centrada na prática sexual, no sexo pelo sexo, ou seja, excluindo totalmente possíveis sentimentos associados. Nesta perspectiva, a sexualidade masculina está inserida e limitada a um quadro médico-fisiológico de um fim em si mesmo, sendo essa finalidade o prazer físico e carnal.

Os rapazes querem ter relações para saber como é e para ter prazer

Simplemente, e resumindo, é uma boa noite no hotel.

Face a esta aparente “necessidade” de ter prazer é socialmente bem aceite que os rapazes verbalizem, especialmente no grupo de pares, as suas experiências sexuais. Mais uma vez se reforça o distanciamento dos rapazes da emocionalidade e da intimidade das relações sexuais; a ausência desta partilha é encarada não só pelos pares, bem como pelos adultos como algo não normativo e por conseguinte tendencialmente problemático. Deste modo, salienta-se a ideia de que a masculinidade apenas é efectiva após a iniciação sexual, pelo que os jovens são frequentemente alvos de pressão social no sentido de iniciarem, precocemente, e manterem esse comportamento, bem como a exporem e valorizarem essa experiência junto dos pares. Como referimos anteriormente esta atitude face à iniciação sexual exponencia a exposição ao risco não só pela multiplicação de parceiros como por uma tendência dos jovens para descurar a contracepção.

Os rapazes estão sempre prontos para ter relações.

Os amigos dizem para fazer: “Porque é que não o fazes? É fixe!”

No mesmo sentido da importância da experiência pessoal masculina encontramos referências à aceitação da traição. Esta é apresentada como legítima, uma vez que figura como uma forma de expressão de virilidade masculina, associando-se ao sexo pelo prazer. A traição aparece então como um modo de valorização de comportamentos “desejáveis” associados ao estereótipo masculino. Contudo, e apesar da aparente liberdade associada a esta temática existe uma inerente pressão social, uma vez que se advoga para o rapaz a possibilidade de traição (que só existe quando há compromisso) apenas porque ter experiência sexual é importante.

O homem deixa-se seduzir muito e por vezes tem dificuldade em resistir.

[Os rapazes] Não são de ferro. Não resistem ao engate de uma rapariga.

Porém nem tudo os impele para a acção. Segundo estes rapazes, emerge frequentemente, e em consequência da construção do prazer e da experiência, medo de fracassar, ou seja, de não ser proficiente na intimidade. Este aspecto da sexualidade masculina dominante centra-se na capacidade pessoal do jovem e na sua performance sexual, avaliada pelas raparigas. Esta avaliação apresenta-se aqui como factor importante e causador de ansiedade. Contrariamente aos aspectos anteriores que descrevem a imagem pública da sexualidade masculina, esta ideia de fracasso introduz nesta reflexão uma esfera mais privada da sexualidade e que certo modo colide com as demais.

O homem tem insegurança se dá ou não prazer à mulher



VIVER A ADOLESCÊNCIA NO MASCULINO: O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

Os rapazes preocupam-se em manter uma boa imagem física para agradar à parceira.

Foi ainda possível identificar uma construção discursiva que se refere a uma aproximação masculina ao comportamento estereotipado como feminino. Esta enfatiza uma aproximação assente na mudança que parece ocorrer na construção da(s) sexualidade(s). Facilmente identificado pelo recurso a frases que incluem “cada vez mais” e “os homens tendem a ser...”, estas afirmações geralmente afastam-se do estereótipo da virilidade, querendo de alguma forma justificar atitudes e comportamentos. É assim possível verificar que os jovens identificam o duplo padrão sexual como uma atitude instituída, conhecendo as expectativas que lhes são atribuídas, e legitimam-no, apesar de não concordarem. Consequentemente, os jovens tentam destacar-se do estereótipo que lhes é atribuído, no sentido dos comportamentos socialmente atribuídos ao sexo oposto, de forma a “normalizar” comportamentos e melhorar a sua imagem pessoal.

Os rapazes também são românticos e idealistas, mas são mais práticos

[O rapaz é] Muito sensível e carinhoso com a mulher que ama.

Será ainda interessante referir que esta aproximação dos rapazes não se efectua de forma inocente, o que nos leva a questionar se de facto é apenas uma aproximação estratégica ou se trata de efectiva resistência ao duplo padrão sexual. Isto porque ao mesmo tempo que se afirmam como próximos das raparigas se destacam de possíveis construções de (homo)sexualidade.

Por último, mas não menos importante do que as demais construções, verifica-se uma construção discursiva referente temática dos comportamentos de risco e sexo seguro. De cariz eminentemente médico, a informação disponível no âmbito da sexualidade focaliza e origina relatos centrados na prevenção da gravidez (preferencialmente) e de doenças sexualmente transmissíveis, pelo que era esperado que esta temática fosse abordada. É no entanto de salientar que apesar de existir incutido nos jovens noções da importância da prática de sexo seguro, muitos não o transpõem para a sua vida pessoal. Este facto permite-nos questionar os modelos de transmissão de informação, uma vez que se centram muito no desejável e correcto, mas pouco na efectivação dos comportamentos de prevenção e segurança.

Alguns [rapazes] têm menos cuidado quanto à prevenção

As raparigas têm mais meios contraceptivos do que os rapazes, assim para não engravidarem

Centrado em questões de saúde reprodutiva, a referência a esta construção discursiva poderia parecer estranha num discurso masculino, dada a evidente responsabilização das raparigas face a estes comportamentos. De certo modo parece perpassar a ideia de que os rapazes são “ímmunes” às doenças sexualmente transmissíveis e nada tem que ver com uma possível gravidez da sua parceira. Esta desresponsabilização masculina tem sido um dos mais fortes entraves à educação sexual, uma vez que estes consideram não precisar de mais informação, porque a associam a uma abordagem médica próxima do planeamento familiar ignorando as restantes componentes que esta pressupõe. A formulação discursiva que referimos quase que nos poderia tranquilizar e aos próprios jovens rapazes, até porque as raparigas com que se relacionam são geralmente do seu grupo de amigos, tomam a pílula contraceptiva ou do dia seguinte, ou os lembram que é necessário usar preservativo: e elas sim aderem e acham importante a existência de programas de educação sexual. Contudo, as relações interpessoais não são tão lineares como esta construção as formula, especialmente as relações de intimidade. Mais uma vez estas formulações apontam na importância e imposição social da heterossexualidade normativa e dominante, ou seja, é completamente excluída deste discurso de comportamentos de risco e sexo seguro a existência de práticas homossexuais.



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho não podíamos deixar de reflectir sobre alguns aspectos que consideramos fundamentais.

Primeiramente gostaríamos de chamar à atenção para a existência, aceite por ambos os sexos, do duplo padrão sexual e da sua influência no dia-a-dia dos adolescentes. Em segundo lugar, consideramos relevante salientar que as três construções discursivas identificadas apresentam algumas contradições, não só entre si como com o duplo padrão sexual. Assim, se por um lado os rapazes identificam a presença de uma masculinidade dominante de cariz heterossexual e caracterizada por um estereótipo vincado, também adoptam comportamentos considerados não normativos mas que pretendem de alguma forma suavizar a imagem anterior. Esta adição de discursos contraditórios parece querer demonstrar um esforço no sentido de uma aproximação progressiva, desejada ou mesmo tentada, que tende a romper com o socialmente definido ou estabelecido como direitos/deveres de ambos os sexos. Contudo, talvez será pouco expressiva e por isso mesmo nos remete para alguma incerteza quanto a se tratar de uma possível resistência ao duplo padrão sexual.

Quanto à última construção identificada, comportamentos de risco e sexo seguro, é importante ressaltar que existe alguma ambivalência, com os jovens por um lado a responsabilizar a sua parceira por esses cuidados ao mesmo tempo que se preocupam com os efeitos adversos da não protecção. No nosso entender, as contradições aqui apresentadas devem ser consideradas como mais um sinal de mudança de comportamentos e práticas sexuais; mudança essa que em geral tende a questionar ou mesmo a contradizer o duplo padrão sexual. Contudo, seriam precisos mais estudos a fim de clarificar em que medida se tratam de discursos que traduzem, mais uma vez, uma efectiva resistência ou se se tratam de uma mera apropriação exteriorizada de discursos que circulam nos *media*, em que as mulheres são representadas como mais activas e os homens como progressivamente mais afectivos.

Por último, não poderíamos deixar de reforçar que esta última construção discursiva nos faz reflectir sobre a eficácia e adequação dos modelos de transmissão de informação, seja pelos programas de educação sexual quer seja pelas várias campanhas publicitárias. O facto de nos basearmos em modelos sócio-cognitivos poderá não ter sido suficiente para que a mensagem seja transposta para comportamentos efectivos. Por outro lado, uma abordagem construcionista social da sexualidade que implique explorar o significado associado a determinados comportamentos dos adolescentes poderia afigurar-se mais próxima e mais viável para os jovens. Ao ressaltar a plasticidade humana, a perspectiva construcionista permite a possibilidade de mudança; o que foi construído pode ser desconstruído e reconstruído, embora com esforço considerável (Herek, 1986).

Mas para que a educação sexual seja verdadeiramente eficaz urge fazer dela um projecto comum a todos os agentes educativos, ajudando-os a compreender a influência do género na construção da sexualidade e das relações amorosas, reflectindo sobre as suas próprias práticas educativas e de modo como estas ajudam a manter ou pelo contrário a desconstruir os discursos dominantes sobre a sexualidade (Paechter, 2006). Talvez seja importante repensar os próprios modelos de educação sexual e dos centros de planeamento familiar, que hoje em dia se focalizam mais nas experiências femininas deixando os rapazes à mercê da imposição dos pares, dos *media*, e de si próprios. Neste sentido, parece ser fundamental alterar em primeiro lugar os discursos de todos quanto têm o poder de advogar, aconselhar e construir programas, ou seja intervir não nos jovens mas nos agentes educativos (Jackson, 2005). Um dos grandes desafios de que não nos podemos demitir é o de possibilitar aos jovens rapazes a possibilidade de reflectirem sobre a masculinidade e o modo como esta os limita e aos que com eles se relacionam.



VIVER A ADOLESCÊNCIA NO MASCULINO: O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia da sexualidade*. Porto. Edições Afrontamento.
- Allen, L. (2003). Girls want sex, boys want love: resisting dominant discourses of (hetero)sexuality. *Sexualities*, 6(2): 215-236.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Avery, L. and Lazdane, G. (2007). 'What do we know about sexual and reproductive health of adolescents in Europe?'. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*: 1-3.
- Crawford, M. & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, 40: 13-36
- Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis: Infecção VIH/SIDA, a situação em Portugal, documento 138 (2007). Lisboa: Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis, Instituto Nacional de Saúde.
- Durham, M.G. (1998). Dilemmas of Desire: Representations of Adolescent Sexuality in Two Teen Magazines. *Youth Society*, 29: 369- 389.
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual. (2007). *Relatório Final*. Ministério da Educação.
- Herek, G. (1986). On Heterosexual Masculinity. Some physical consequences of the social construction of gender and sexuality. *American Behavioral Scientist*, 29 (5): 563-577.
- Impett, E. A & Peplau, L. A. (2003). Sexual compliance: Gender, motivational, and relationship perspectives. *The Journal of Sex Research*, 40(1): 87-100
- Jackson, S. & Cram, F. (2003). Disrupting the sexual double standard: young women's talk about heterosexuality. *The British Journal of Social Psychology*, 42(1): 113-127.
- Jackson, S. (2005). Dear girlfriend : Constructions of sexual health problems and sexual identities in letters to a teenage magazine. *Sexualities*, 8(3): 282- 305.
- Kehily, M. J. (2002). *Sexuality, Gender and Schooling: Shifting Agendas in Social Learning*. London: Routledge Falmer
- Lopes, O. (2004). Crenças e atitudes como "Co-Factores" do VIH/SIDA. 5º HIV/AIDS Virtual Congress. Disponível em: http://www.aidscongress.net/article.php?id_comunicacao=232, acedido em 19/11/2006.
- Marques, A.C. (2007). A primeira relação sexual: contextos e significados. *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/ ISCTE e-working paper nº 32/2007*.
- Matos, M. & Gaspar, T (2005). Adolescentes portugueses: risco e protecção. 6º HIV/AIDS Virtual Congress. Disponível em: http://www.aidscongress.net/pdf/adolescentes_abstract241_comunic_272.pdf, acedido em 18/12/2007.
- Nogueira, C. (2001). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género. Perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nogueira, C & Fidalgo, L. (1995). Análise de discurso: A tarefa e o poder das palavras. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 3: 181-188.
- Paechter, C. (2006). Reconceptualising the gendered body: learning and constructing masculinities and femininities in school. *Gender and Education*, 18: 121-135.



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

- Parker, I. (1992). *Discourse dynamics: Critical analysis for social and individual psychology*. London: Routledge.
- Parker, I. (1997). Discursive psychology. In D. Fox & I. Prilleltensky (Eds.), *Critical psychology: an introduction* (pp 284-298). London: Sage.
- Parker, I. (1999). Varieties of discourse and analysis. In Ian Parker and the Bolton Discourse Network (Eds.), *Critical textwork: an introduction to varieties of discourse and analysis*. Buckingham: Open University Press.
- Prazeres, V. (2003). *Saúde juvenil no masculino. Género e saúde sexual e reprodutiva*. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde.
- Rueda, L. I. & Antaki C. (1994). El análisis del discurso en psicología social. *Boletín de Psicología*, 44: 57-75.
- Saavedra, L. (2004). Diversidade na identidade: A escola e as múltiplas formas de masculino. *Psicologia, Educação e Cultura*, VIII (1): 103-120.
- Saavedra, L. (2005). *Aprender a ser rapariga, aprender a ser rapaz. Teorias e práticas da escola*. Coimbra: Almedina.
- Saavedra, L., Magalhães, S., Soares, D., Ferreira, S., Leitão, F. (2007). Género, cultura e sexualidade em jovens portugueses e portuguesas: Um programa de educação sexual. *Actas do IV Congresso Astur Galaico de Socioloxía*, 1-20.
- Taquette, S. R., Vilhena, M. m., & Paula, M. C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis e género: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1): 282-290.
- Vasconcelos, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e sexualidades dos jovens portugueses. In Manuel V. Cabral e José M. Pais (eds), *Jovens portugueses de hoje* (pp. 215-305). Oeiras: Celta.
- Vieira, P. J. (2005). Prevenção da Infecção VIH nos Jovens [com os jovens]. *6º HIV/AIDS Virtual Congress*. Disponível em: http://www.aidscongress.net/pdf/com_jovens_abstract_274_comunic_244.pdf, acedido em 18/12/2007.
- Willig, C. (1998). Constructions of Sexual Activity and Their Implications for Sexual Practice: Lessons for Sex Education. *Journal of Health Psychology*, 3: 383- 392.
- Willig, C. (2003). Discourse analysis. In Jonathan A. Smith (Ed.), *Qualitative psychology: a practical guide to research methods* (pp. 159-183). London: Sage.

Fecha de recepción: 28 febrero 2008

Fecha de admisión: 7 marzo 2008

